



**Estudo comparativo entre as religiões brasileiras com ênfase no  
Espiritismo: espaços de poder, identidade e relevância social das mulheres  
no final do Século XX<sup>1</sup>**

**Cristiano Evaristo da Rosa Alves<sup>2</sup>**

**Prof. orientadora Adriana Silveira Kessler<sup>3</sup>**

**Introdução**

No conceito de modernidade tardia em Gilles Lipovetsky (2007), chamado de hipermodernidade, encontramos a religião na sua via tradicional como um elemento capaz de combater alguns males dessa época, entre estes, a frustração e a ansiedade. É uma visão que adentra o século XXI com certo *status* na medida em que as religiões têm estado na pauta dos noticiários por motivos diversos.

No entanto, nos estudos de gênero vemos que o campo social da religião é um dos mais atrasados em termos de reconhecimento da igualdade da mulher (ROSADO-NUNES, 2005). Ainda mais se considerarmos que o Brasil reelegeu uma presidente mulher e que no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2014, dos quatro candidatos mais bem colocados, três eram mulheres.

Mas, nosso estudo surge de uma demanda não só das questões de gênero aqui abordadas, mas, também, de uma lacuna antropológica que durante o trabalho procuraremos preencher, a partir de uma visão da religião como sistema cultural, que molda a ordem social (GEERTZ, 1989).

Fizemos um estudo comparativo das religiões no Brasil ao final do Século XX. Em oito das dez tabelas disponíveis pelo sistema do Instituto

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão modificada do trabalho de conclusão de curso da especialização em *Cultura, identidade e história* da Universidade Luterana do Brasil em agosto de 2011.

<sup>2</sup> Cristiano Evaristo da Rosa Alves é especialista em Cultura, Identidade e História pela ULBRA – Torres/RS e mestrando em Ciências Sociais pela PUCRS - Porto Alegre/RS. E-mail: crisalves9821@gmail.com.

<sup>3</sup> Adriana Silveira Kessler, é psicóloga e professora mestre no Curso de Especialização em Cultura, Identidade e História e do Curso de Psicologia da ULBRA – Torres / RS.

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na internet, as religiões são enumeradas agrupadamente. Ainda, não entraremos no grau de secularização de cada religião, o que daria um estudo à parte, especialmente no caso católico. Lembramos que dentro de “outras religiosidades” estão incluídas várias denominações, e somadas às que não possuem como livro matriz a Bíblia, não chegam a um milhão de adeptos (IBGE, 2000).

Iniciamos uma busca de elementos que pudessem dar pistas da representação do feminino nos textos espíritas e *linkar* contribuição ou dolo a conquista de espaços de poder, a autonomia e relevância da mulher com base nos relatórios do CENSO 2000, nos seguintes aspectos apresentado pelo IBGE: ocupação, posição na ocupação, renda elevada e escolaridade elevada. Os livros analisados serão do Pentateuco Espírita: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o Espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*, todos de Allan Kardec, lançados entre 1857 e 1868. É interessante o estudo epistemológico aqui, porque o Espiritismo ganha projeção com grandes *blockbusters* no cinema, seriados e novelas na televisão, trazendo sua visão de mundo à cultura brasileira de forma peremptória.

Por fim, diante de algumas respostas, esperamos entender melhor os dados apresentados pelo Censo Demográfico de 2000, na relação entre mulher, religião e o espaço do feminino na sociedade brasileira. De que forma o campo social da religião influencia as pessoas? Se há diferenças substanciais nas posições ocupadas pelas mulheres quando pesquisadas por religião? Se sim, quais as possíveis causas? Assim, procuraremos saber, ainda, se a religiosidade é importante para a promoção ou castração da mulher, e em quais ela consegue maior capital social em termos estatísticos.

## **1 Retratos estatísticos das religiões das mulheres brasileiras**

Levando em conta os dados do IBGE escolhemos os cenários onde as amostras apontam espaços de poder econômico ou social. Nessas tabelas pesquisamos se há influência da religião na forma como essas mulheres atuam ou se diferenciam na sociedade brasileira. As tabelas podem ser

geradas livremente pelo sistema do IBGE na internet. Primeiro informamos o parâmetro: 50,79% da população brasileira são mulheres (IBGE, 2000).

A tabela 1, gerada pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática mostra o número de pessoas por sexo e religião autodeclarada no Brasil. Optamos por especificar as religiões de cada grupo, já que nas tabelas futuras o sistema do IBGE o sistema as aglutina.

**Tabela 1 - População residente por religião**

Religiões agrupadas em negrito e especificadas abaixo	Totais	Homens	Mulheres
<b>Católica apostólica romana</b>	<b>124.980.132</b>	<b>61.901.888</b>	<b>63.078.244</b>
<b>Evangélicas de origem pentecostal:</b>	<b>17.617.307</b>	<b>7.677.125</b>	<b>9.940.182</b>
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja assembléia de Deus	8.418.140	3.804.658	4.613.482
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja congregacional cristã do Brasil	2.489.113	1.130.329	1.358.785
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Brasil para Cristo	175.618	76.132	99.485
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja evangelho quadrangular	1.318.805	545.016	773.789

**Tabela 1 - População residente por religião (continuação)**

Religiões agrupadas em negrito e especificadas abaixo	Totais	Homens	Mulheres
<b>Evangélicas de origem pentecostal:</b>	<b>17.617.307</b>	<b>7.677.125</b>	<b>9.940.182</b>
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja universal do reino de Deus	2.101.887	800.227	1.301.660
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja casa da benção	128.676	51.557	77.119
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Deus é amor	774.830	331.707	443.123
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Maranata	277.342	117.789	159.553
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja nova vida	92.315	35.352	56.964
Evangélicas de origem pentecostal - outras igrejas de origem pentecostal	1.840.581	784.359	1.056.222
<b>Sem religião</b>	<b>12.492.403</b>	<b>7.540.682</b>	<b>4.951.721</b>
<b>Evangélicas de missão:</b>	<b>6.939.765</b>	<b>3.062.194</b>	<b>3.877.571</b>
Evangélicas de missão - Igreja evangélica luterana	1.062.145	523.994	538.152
Evangélicas de missão - Igreja evangélica presbiteriana	981.064	427.458	553.606
Evangélicas de missão - Igreja evangélica metodista	340.963	146.236	194.727
Evangélicas de missão - Igreja evangélica batista	3.162.691	1.344.946	1.817.745
Evangélicas de missão - Igreja evangélica congregacional	148.836	64.937	83.899
Evangélicas de missão - Igreja evangélica adventista	1.209.842	538.981	670.860
Evangélicas de missão - outras igrejas evangélicas de missão	34.224	15.642	18.582
<b>Outras religiosidades:</b>	<b>3.044.013</b>	<b>1.350.877</b>	<b>1.693.135</b>
Outras religiosidades	15.484	7.393	8.091
Católica apostólica brasileira	500.582	250.201	250.380
Católica ortodoxa	38.060	19.495	18.565
Outras cristãs - Cristãs	230.325	101.090	129.235
Outras Cristãs - outras religiosidades cristãs	5.208	2.394	2.814
Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias	199.645	92.197	107.448
Testemunhas de Jeová	1.104.886	450.583	654.303
Espiritualista	25.889	10.901	14.987
Judaísmo	86.825	43.597	43.228
Hinduísmo	2.905	1.521	1.383

Islamismo	27.239	16.232	11.007
Budismo	214.873	96.722	118.152
Outras religiões orientais	7.832	3.764	4.068
Novas religiões orientais - Igreja messiânica mundial	109.310	41.478	67.831
Novas religiões orientais - Outras novas religiões orientais	41.770	17.306	24.464
Tradições esotéricas	58.445	27.637	30.808
Tradições indígenas	17.088	9.175	7.913
Não determinadas	357.648	159.191	198.458
<b>Espírita</b>	<b>2.262.401</b>	<b>928.967</b>	<b>1.333.434</b>
<b>Evangélicas - outras religiões evangélicas:</b>	<b>1.627.870</b>	<b>704.744</b>	<b>923.124</b>
Evangélicas sem vínculo institucional – Evangélicos	710.227	309.380	400.847
Evangélicas sem vínculo institucional - Evangélicos de origem pentecostal	336.259	144.707	191.552
Evangélicas - outras religiões evangélicas	581.383	250.657	330.725
<b>Umbanda e candomblé:</b>	<b>525.013</b>	<b>229.593</b>	<b>295.420</b>
Umbanda	397.431	172.393	225.038
Candomblé	127.582	57.200	70.382
<b>Sem declaração</b>	<b>383.953</b>	<b>206.245</b>	<b>177.708</b>
<b>Total de residentes no Brasil</b>	<b>169.872.857</b>	<b>83.602.315</b>	<b>86.270.539</b>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000)

A presença feminina é maior em relação à masculina em todas as crenças. Calculamos o percentual de mulheres no total de cada opção: em primeiro lugar apareceu o Espiritismo com 58,65% e, em último, as sem religião que correspondem a 39,59% das pessoas da opção (IBGE, 2000).

Na tabela 2 (abaixo) os números demonstram o percentual de ocupação (emprego) da mulher dentro do total de pessoas ocupadas na opção religiosa. A única religião que possui mais mulheres trabalhando que homens é a espírita (53,29%), mas ainda não na mesma proporção da divisão de gênero da religião (58,65%); as mulheres sem religião correspondem a quase um quarto dos homens sem religião ocupados (25,41%) e são 39,64% desse contingente.

**Tabela 2 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por religião**

Religião	Sexo			Percentual feminino dentro da religião
	Total	Homens	Mulheres	
<b>Total</b>	100	62,26	37,74	
<b>Sem religião</b>	7,32	5,46	1,86	25,41
<b>Católica Apostólica Romana</b>	74,78	46,99	27,79	37,16
<b>Sem declaração</b>	0,1	0,06	0,04	40,00
<b>Evangélicas de origem pentecostal</b>	8,92	5,08	3,84	43,05
<b>Outras religiosidades</b>	1,77	0,96	0,81	45,76
<b>Evangélicas - outras religiões Evangélicas</b>	0,87	0,47	0,4	45,98

<b>Evangélicas de missão</b>	4,21	2,26	1,95	46,32
<b>Umbanda e Candomblé</b>	0,36	0,19	0,17	47,22
<b>Espírita</b>	1,67	0,78	0,89	53,29

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000)

Ainda, segundo o IBGE, na pesquisa realizada com mulheres de dez anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por religião, sexo e posição na ocupação no trabalho o total é de 24.769.796. Desse total 18,46% estão na condição de empregadoras ou trabalhando por conta própria. Já por religião, conforme tabela 3, dentro do seu universo feminino (agrupadas genericamente), chegamos ao cálculo que se apresenta assim configurado, onde em primeiro lugar, entre as mulheres de sua própria religião, estão as espíritas e em último as sem religião:

**Tabela 3 - Mulheres de dez anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por religião, sexo e posição na ocupação no trabalho de empregadora ou trabalhando por conta própria**

<b>Religião</b>	<b>Percentual</b>
<b>Espírita</b>	24,61%
<b>Umbanda e Candomblé</b>	24,56%
<b>Outras religiosidades</b>	23,83%
<b>Evangélicas - outras religiões Evangélicas</b>	20,93%
<b>Evangélicas de missão</b>	20,70%
<b>Evangélicas de origem pentecostal</b>	20,07%
<b>Católica Apostólica Romana</b>	17,76%
<b>Sem declaração</b>	17,43%
<b>Sem religião</b>	16,93%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000)

Analizamos as classes de rendimento nominal mensal no Brasil para mulheres com 15 anos ou mais, onde as 61.488.930 mulheres estão assim distribuídas: vivem sem rendimento (incluídas as pessoas que somente receberam em benefícios) 28.542.800 de mulheres; com até um salário mínimo 12.603.399 de mulheres; mais de um e até cinco salários mínimos 15.393.454; mais de cinco salários mínimos 4.949.277 de mulheres (IBGE, 2000).

As mulheres com 15 anos ou mais, com classe de rendimento superior a cinco salários mínimos por religião (tabela 4):

**Tabela 4 - Mulheres de 15 anos ou mais de idade por religião, classe de rendimento nominal mensal superior a 5 salários mínimos e percentual da população de cada religião**

Religião	Mulheres => 15 anos	> 5 salários	Percentual na sua religião
Evangélicas de origem pentecostal	7.007.034	272.265	3,89
Sem declaração	78.809	4.943	6,27
Sem religião	3.074.028	230.063	7,48
Católica Apostólica Romana	45.128.679	3.609.150	8,00
Evangélicas - outras religiões Evangélicas	661.415	53.019	8,02
<b>Total</b>	<b>61.488.930</b>	<b>4.949.277</b>	<b>8,05</b>
Evangélicas de missão	2.877.322	277.804	9,65
Outras religiosidades	1.263.995	136.350	10,79
Umbanda e Candomblé	254.377	33.683	13,24
Espírita	1.143.272	332.001	29,04

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000)

Nessa pesquisa (tabela 4) constatou-se que as mulheres com maior percentual dentro da classe de rendimento nominal mensal maior de cinco salários mínimos dentro da sua opção religiosa, com 15 anos ou mais são as espíritas com 29,04% da sua população. As com menores rendimentos são as sem declaração com 6,27% do seu total, seguidas das sem religião com 7,48%.

Para encerrarmos essa amostra de dados estudamos os níveis de escolaridade (tabela 5). Na amostra estão elencados o total de mulheres de 15 anos ou mais de idade, o total de mulheres com 15 anos de estudo ou mais e o percentual que representam na população feminina da sua religião.

As mulheres evangélicas de origem pentecostal com 15 anos de estudo ou mais somam 1,53% da sua população, ficando na última posição. Já as espíritas possuem 20,75% de sua população feminina com 15 ou mais anos de estudo.

**Tabela 5 - Mulheres de 15 anos ou mais de idade por religião e 15 de anos de estudo ou mais**

Religião	Mulheres com 15 anos de idade e 15 anos ou mais de estudo	Percentual com mais de 15 anos de estudos
<b>Total</b>	<b>3.118.025</b>	<b>5,07</b>
Evangélicas de origem pentecostal	107.224	1,53
Sem declaração	3.091	3,92
Evangélicas - outras religiões Evangélicas	28.901	4,37
Sem religião	152.128	4,95
Católica Apostólica Romana	2.315.294	5,13
Evangélicas de missão	175.054	6,08

Outras religiosidades	81.525	6,45
Umbanda e Candomblé	17.603	6,92
Espírita	237.205	20,75

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2000)

## 2 Religião como sistema cultural

Segundo Geertz (2008, p. 10) “o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano” e a fim de desenvolvermos maior compreensão sobre porque estudar especificamente a religião como sistema cultural, antes de abordarmos a identidade feminina, o antropólogo sustenta:

a noção que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade. Todavia, ela também não é investigada e, em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular (2008, p. 67).

Nesse sentido, a religião é um aspecto da cultura e a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar por um ou mais modos específicos de subjetividade (WOODWARD, 2007, p. 18, 19).

Para entendermos como as mulheres estão situadas na sociedade é preciso que investiguemos por que elas acabam excluídas de certas instituições ou de certos “campos sociais”? (BOURDIEU *apud* WOODWARD, 2007). Em nosso caso, a religião católica impede uma papisa e em muitas igrejas evangélicas não podem ter ou não se vê pastoras relevantes. Estudamos os 902 versículos da Bíblia em que as mulheres são citadas (verbete mulher, singular e plural) antes de adentrarmos nas obras de Allan Kardec, do qual apresentamos pequeno excerto.

No Antigo Testamento, os homens são constantemente advertidos para se protegerem da sedução feminina: “E eu achei uma coisa mais amarga do que a morte, a mulher cujo coração são laços e redes, e cujas mãos são grilhões; quem agrada a Deus escapará dela; mas o pecador virá a ser preso por ela” (ECLESIASTES, 7:26). Michelle Perrot (1988, p. 168) descreve esse sentimento contra a mulher: “origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras”, tema romântico de óperas, de Mozart à Richard Wagner.

O ícone feminino de maior expressão no *Evangelho*, Maria, é apresentada como geradora de um filho do Espírito Santo. Um anjo é enviado à suposta virgem (LUCAS, 1: 30-31): “Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus”. Com esse texto inicia-se *a posteriori* a primeira adoração de uma mulher como um ícone religioso na tradição judaico-cristã porvindoura. E desde Eva, é a primeira vez que um enviado de Deus se reporta a uma mulher no texto bíblico.

Embora Jesus apareça nos Evangelhos associado a diversos momentos de tensão com mulheres, normalmente as está protegendo, perdoando, advertindo, evitando julgamentos; mas também sendo obediente, recebendo afeto, zelo, especialmente por Maria, sua mãe e Maria Madalena, sua discípula. Mas entrou para os séculos a proibição atribuída a Paulo das mulheres falarem na Igreja: “A mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio (I TIMÓTEO, 2:11-12).

Mas seria a religião um espaço de poder descartável? A religião não molda a cultura e a cultura não molda a identidade? Demonstramos aqui, que mais de 90% da população brasileira se declara pertencente à uma religião (IBGE, 2000). Que tipo de identidade está sendo atribuída às mulheres, por conseguinte, já que não são consideradas aptas, sagradas ou seja lá o que for?

Feministas como Simone de Beauvoir e Luce Irigaray têm argumentado que: por meio dos dualismos – mulheres associadas à natureza, ao “coração” e às emoções e os homens à cultura, à “cabeça” e à racionalidade – as mulheres são construídas como “outras”, de forma que “as mulheres são apenas aquilo que os homens não são, como ocorre na psicanalítica lacaniana” (IRIGARAY *apud* WOODWARD, 2007, p. 52; PERROT, 1988, p. 177).

Para Silva (2007, p. 81) “a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a

diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder”. Para Hall (2007, p. 91) “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. Talvez aqui entendamos porque as mulheres são excluídas de certos campos sociais totalmente masculinos.

Outra forma de estabelecer hierarquias é normalizar, eleger arbitrariamente uma identidade como parâmetro, e a força homogeneizadora da identidade tida como normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. “A identidade e a diferença não são nunca inocentes” (SILVA, 2007, p. 81, 83).

A identidade é um contingente, é um resultado de diversos discursos políticos e culturais e de histórias particulares. Mais ainda, segundo Woodward (2007) a marcação da diferença em relação à identidade a fabrica. O que ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *exclusão social*.

A “identidade” depende da “diferença” e nas relações sociais as diferenças simbólicas e sociais, em parte, são estabelecidas por sistemas classificatórios (WOODWARD, 2007). Nesse sentido, fizemos uma pesquisa classificando as mulheres por religião e para entendermos os resultados e as diferenças sociais dessas amostras, analisamos também os textos sagrados como referência simbólica.

Iniciar o estudo da atividade cultural — uma atividade na qual o simbolismo forma o conteúdo positivo — não é abandonar a análise social em troca de uma caverna de sombras platônicas, entrar num mundo mentalista de psicologia introspectiva ou, o que é pior, de filosofia especulativa, e lá vaguar eternamente numa neblina de “Cognições”, “Afeições”, “Volições” e outras entidades nebulosas. Os atos culturais, a construção, apreensão e utilização de formas simbólicas, são acontecimentos sociais como quaisquer outros (GEERTZ, p. 68).

Ainda para Geertz (2008) os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos*<sup>1</sup> de um povo e sua visão de mundo, nas coisas simples e contemporâneas, bem como, suas ideias mais amplas sobre ordem. Resumindo a uma definição uma religião é:

---

<sup>1</sup> O tom, o caráter e a qualidade de vida de um povo, seu estilo e disposições morais e estéticos (GEERTZ, 2008, p. 66, 67).

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 2008, p. 67).

No entanto, ninguém vive o tempo todo no mundo que os símbolos religiosos criam, é no mundo cotidiano, de objetos do senso comum e atos práticos que as pessoas vivem, defende Schutz (*apud* GEERTZ). Mas, justamente no movimento de ida e volta entre a perspectiva religiosa e a perspectiva do senso comum, que é uma das ocorrências mais óbvias da cena social, é também uma das mais negligenciadas pelos antropólogos sociais (GEERTZ, 2008).

Nesse sentido, ou aproximando-nos dessa ideia trouxemos dados da vida socioeconômica das mulheres brasileiras e seguiremos até os textos temáticos do Espiritismo, para extrair sua abordagem nas relações de gênero. Portanto, para reconstituir o papel social e psicológico da religião é preciso compreender de que maneira as noções das pessoas (embora implícitas), do verdadeiramente real e as disposições que essas noções induzem nelas, dão um colorido a seu sentido do racional, do prático, do humano e da moral (GEERTZ, 2008).

## **2.1 A crise da religião como espelho da crise da pós-modernidade**

Para o filósofo Gilles Lipovetsky estamos numa sociedade da decepção. Poucos grupos sociais estão imunes a essa decepção inflacionada, somente aqueles ligados às tradições conseguem harmonizar mais ou menos seus anseios. Criou-se então, o conceito de “carência zero” com base nas promessas de felicidade e prazeres elevados, deixando a vida cotidiana difícilíssima, continua Lipovetsky (2007, p. 6):

O outro grande fenômeno que fundamenta a idéia de uma civilização frustrante consiste na desregulamentação e no enfraquecimento dos dispositivos religiosos de socialização nas sociedades hiperindividualistas. Evidentemente, a religião jamais se mostrou capaz de impedir a manifestação de todas as penas e amarguras a que estamos sujeitos. Todavia, ninguém ousará negar que, em sua vertente tradicionalista, efetivamente conseguiu representar um refúgio, uma garantia, um ponto de apoio ou de consolação insubstituível, contrapondo-se às inevitáveis provações da vida diária e aos estertores do sofrimento atroz.



A ideia de que a religião se coloca como vacina para o enfrentamento das vicissitudes da vida é histórica. Sugere Blainey (2009, p. 36), que por volta de 3.500 anos a.C., até pequenos vilarejos construíam grandes templos e que nesse período surge um novo caráter de poder, o dos sacerdotes e sacerdotisas, que passam a conferir legitimidade aos governantes. Geralmente do sexo masculino, supostamente “eles ajudavam a trazer a chuva que punha fim à seca, abriam o caminho para uma colheita farta, ajudavam a derrotar o inimigo na guerra e, provavelmente, davam a sensação de paz interior para aqueles que, caso contrário, poderiam ter-se sentido aflitos”.

Para Malinowski (apud GEERTZ, 2008, p. 76), a “religião ajuda as pessoas a suportarem ‘situações de pressão emocional’ ‘abrindo fugas a tais situações e tais impasses que nenhum outro caminho empírico abriria””. No entanto, Lipovetsky fala desse desconcerto que ocorre nessa sociedade hipermoderna onde há uma fragmentação das âncoras simbólicas da religião: “ainda que a fé em Deus nunca possa ser extinta, tudo indica que a religião deixou de desempenhar o papel confortador que tivera no passado” (2007, p. 6-7). Desse modo, as formas comunitárias de relacionamento cederam para maneiras fragmentadas, baseadas na livre-opção.

Woodward (2007) diz haver uma crise da identidade global, local, pessoal e política. Os processos históricos que sustentavam certas identidades fixas estão entrando em colapso e estão surgindo novas identidades, forjadas na luta e na contestação política. Nesse caso não poderíamos incluir muitas religiões?

Mas, de qualquer forma, estudos feitos por DALGALARRONDO (*et al.*, 2004) demonstraram que a religião é um modulador importante no uso de álcool e drogas entre estudantes adolescentes e que uma maior educação religiosa na infância mostrou-se marcadamente importante em tal possível inibição.

Demonstramos que a religião tem atuado na formação da cultura e na modelação parcial das identidades. Agora nos cabe inserir a mulher nesse contexto sócio-histórico-antropológico.

### **3 As religiões e a representação da mulher nos textos sagrados**

A religião é, em parte, uma tentativa de conservar uma provisão de significados, onde cada indivíduo interpreta e organiza sua conduta, no entanto, os significados só podem ser armazenados através de símbolos: uma cruz, um crescente, seus textos sagrados (GEERTZ, 2008).

Ainda segundo Geertz (2008, p. 76) “a religião ancora o poder de nossos recursos simbólicos para formulação de ideias analíticas”.

Os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade: seu poder peculiar provém de sua suposta capacidade de identificar o fato com o valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma, seria apenas real. O número desses símbolos sintetizadores é limitado em qualquer cultura e, embora em teoria se possa pensar que um povo poderia construir todo um sistema autônomo de valores, independente de qualquer referente metafísico, uma ética sem ontologia, na verdade ainda não encontramos tal povo. A tendência a sintetizar a visão de mundo e o ethos em algum nível, embora não necessária logicamente, é pelo menos empiricamente coerciva; se não é justificada filosoficamente, ela é ao menos pragmaticamente universal (GEERTZ, 2008, p. 93, 94).

Entre os grandes símbolos religiosos estão os textos considerados sagrados, e pesquisamos neles para entender o por quê das diferenças hierárquicas entre homens e mulheres em muitas religiões. Levando em consideração a opção religiosa autodeclarada e institucionalizada com base no Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2000) vemos que o grande livro de influência nas religiões do Brasil é a Bíblia. Das dez maiores religiões com mais adeptos no Brasil apenas o Espiritismo não tem como principal referencial teórico o texto bíblico, conquanto uma de suas Obras Básicas seja uma mimese do *Novo testamento*. As demais religiões, que não usam a Bíblia ou o Pentateuco Espírita como baliza, somam 0,99% do total da população brasileira.

Procuramos e analisamos, especialmente, nos livros espíritas da *codificação*, terminologia usada para descrever as principais obras da Doutrina Espírita, como se fossem etnografias, as cento e quarenta e uma frases, onde o verbete “mulher” (inclusive no plural) aparece, dentro dos quais, selecionamos alguns trechos que fazem referências à sua posição devido aos resultados obtidos na pesquisa quantitativa.

### 3.1 As mulheres no Pentateuco Espírita

O Espiritismo é datado de 1857 quando da publicação da primeira obra pelo então pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail. Com quase uma dezena de obras publicadas sobre pedagogia, matemática e gramática optou pelo pseudônimo Allan Kardec para as novas publicações sobre os estudos científico-experimentais dos fenômenos espiritualistas (WANTUIL, 2004).

A Doutrina Espírita possui cinco livros que são chamados também de Obras Básicas: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo e A Gênese (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 2010). Abordaremos A Gênese e o Livro dos Espíritos por conterem apreciações de gênero mais concretas. Na Revista Espírita de 1858, Allan Kardec (2001, p. 323) apresentada uma visão romântica da mulher, à qual lhe pede graça para atrair o homem para sua superioridade, sugerindo ao último que se dedique aos pobres, a fim de que, *quando* estes o bendizerem; a mulher se tornará sua igual.

#### 3.1.1 A Gênese

N'A Gênese (KARDEC, 2004) é abordada a evolução da Terra, analisados os milagres bíblicos e as predições segundo o Espiritismo. Neste livro, procura-se desconstruir certas interpretações literais como a do pecado original, narrado no Gênesis (livro bíblico), sendo necessário “perceber grandes verdades morais”, segundo Kardec, “debaixo das figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, tomássemos em sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais” (2004, p. 249).

Os princípios espíritas definem ser mulher ou homem como uma conveniência evolutiva. Portanto, para os espíritas, o sexo é escolhido antes de renascer. Do ponto de vista da identidade, essa é uma visão não-essencialista, pois não é fixa:

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a



injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade (KARDEC, 2004, p. 31).

### 3.1.2 O Livro dos Espíritos

Em o Livro dos Espíritos, que é uma coletânea de perguntas e respostas, Kardec vai construindo um raciocínio que leva em conta a pluralidade das existências como a seguir: “Em nossa existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa? Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres” (1998, p. 135). Ainda com relação ao sexo, Kardec diz que pouco importa ao espírito encarnar num corpo de homem ou mulher:

O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar. Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens (1998, p. 135).

Kardec (1998) sugere a existência de dez leis morais, entre elas, a igualdade. Nos subtítulos do capítulo dessa lei estão os assuntos, onde consta “igualdade dos direitos do homem ‘e da mulher’” chamando atenção para a especificação de cada termo, embora muitas vezes homem signifique humanidade. Aqui para encerrar essa análise dos textos religiosos apresentamos um questionário enumerado conforme presente em O Livro dos Espíritos:

Igualdade dos direitos do homem e da mulher:

817. São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos?

Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?

818. Donde provém a inferioridade moral da mulher em certos países? Do domínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito. [...]

821. As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?

Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas?

O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem. [...] Ocupe-se do exterior o homem e do



interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos (KARDEC, 1998, p. 380-381).

Allan Kardec utiliza uma expressão na citação acima em que alude a funções exteriores e interiores. Subtende-se que se trata de uma alusão a trabalhos relativos à força física. Kardec defende, a seguir, a igualdade de direitos e a emancipação das mulheres como um progresso. Segundo Lewgoy (2008), Kardec codificou uma religião relacionada com os ideais de sua época, uma doutrina com aspectos de uma religião natural.

Embora não haja um sacerdócio espírita, as lideranças do movimento espírita possuem grande representatividade social, destaca-se um grande número de médiuns mulheres, presidentes de federações espíritas, como tem acontecido no Rio Grande do Sul e diretoras-executivas da Federação Espírita Brasileira. No caso gaúcho, dos quatro maiores cargos da Federação, três são ocupados por mulheres.

### **Considerações finais**

Ao escolher a religião como escopo dessa pesquisa, levamos em conta a importante participação que ela oferece na construção da subjetividade dos sujeitos. Referenciada por Lipovetsky como instrumento de suporte, a religião confere uma consolação para a vida na sociedade hipermoderna. Iniciamos estes estudos procurando entender a relação entre religiosidade e participação das mulheres nos grupos religiosos.

No andar da pesquisa bibliográfica focamos nossas atenções sobre a constituição literária dos textos considerados base para as mulheres espíritas, onde coletamos excertos que indicavam relações de gênero.

Gostaríamos de entender por que as mulheres não ocupavam os lugares de liderança na maioria das religiões brasileiras? e conseguimos



encontrar, de fato, que a Bíblia possui trechos que corroboram uma inferioridade ontológica da mulher em relação à do homem, num estudo literal. Mas somente nos referimos aqui à posição atual da mulher. Sem considerar o contexto histórico das sociedades antigas.

Existe ainda, um arcabouço social que mantém as mulheres excluídas da religião, explicado pela teoria da identidade, porque os homens desse campo social monopolizaram o discurso e os referenciais simbólicos, colocando as mulheres como seres de segunda classe. Os demais e inúmeros assuntos caberiam a estudos posteriores.

O Pentateuco Espírita oferece dois livros em que nos detivemos para análise. A Gênese e o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Ambos tratam da questão da mulher e discorrem que a igualdade de direitos entre os gêneros é natural, porque não tendo os espíritos sexo, não há diferença nenhuma entre os dois. Embora, haja alusão à esfera exterior/interior do trabalho, há de se considerar os tipos de trabalho do século XIX. Kardec argumenta que toda inferioridade moral atribuída à mulher foi em razão de um predomínio arbitrário dos homens.

Por fim, na análise das estatísticas do Censo Demográfico de 2000. Chegamos a resultados que colocam primeiramente: as mulheres religiosas obtêm maior presença nas esferas de poder investigadas (ocupação, posição na ocupação, renda e escolaridade) frente às sem religião, corroborando a ideia de Gilles Lipovetsky (2007) apresentada nesse trabalho. Segundo, as mulheres espíritas possuem predominância, em todas as esferas de poder em relação às mulheres de outras religiões: maior nível de mulheres empregadas (ocupação), maior número de mulheres que são empregadoras ou trabalham por conta própria (posição na ocupação), maior rendimento mensal nominal e, o dado que mais chamou a atenção: a escolaridade, onde 20,75% das espíritas possuem 15 anos ou mais de estudo, seguidas com 5,68% das segundas colocadas, as adeptas da umbanda e do candomblé (15 anos de idade ou mais).

Desta forma, mesmo constatando que as espíritas possuem maior presença nos espaços de poder e relevância social aqui enunciada, não

podemos afirmar se elas escolhem essa religião porque já são detentoras de melhor ocupação no mercado de trabalho, alta renda e escolaridade elevada ou se o meio espírita colabora para que se desenvolvam dessa maneira, mas o referencial literário espírita sugere uma maior alteridade para com as mulheres e conseqüentemente maior autonomia e igualdade, sobretudo pela crença na reencarnação e assexualidade do espírito imortal. A mesma lógica usamos, no sentido inverso, para os baixos indicadores das mulheres sem religião e das evangélicas de origem pentecostal, cujas últimas estão num contexto religioso mais literalista. Contudo, fica claro que há algum tipo de influência social e cultural da religião na formação da identidade feminina.

#### **Referências:**

A Bíblia Vida Nova [versão eletrônica]. São Paulo: S.R. Edições Vida Nova, 1980.

BLAINEY, Geoffrey. Uma breve história do mundo. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2000: amostra – características gerais da população. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=2094&n=0&u=0&z=cd&o=7&i=P>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

DALGALARRONDO, Paulo et al. Religião e uso de drogas por adolescentes. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 26, n. 2, jun. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462004000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462004000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 Jul. 2015.

Federação Espírita Brasileira. FEB. Disponível em <<http://www.febnet.org.br/>>. Acesso em: 06 ago 2015.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual in SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007.

KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. O livro dos espíritos. São Paulo: Petit, 1999.

\_\_\_\_\_. Revista espírita: jornal de estudos psicológicos: 1858. IDE, 2001. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/download/pdf/revista-espirita-1858.pdf>>. Acesso em: 5 ago 2015.

\_\_\_\_\_. A gênese. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, July 2008. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872008000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 Aug. 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. A sociedade da decepção. Barueri, SP: Manole, 2007.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 2, Aug. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Aug. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença in SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WANTUIL, Zêus. Allan Kardec: o educador e o codificador. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual in SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.